

macaco esquisito

na tábua de engomar havia uma pista de dança
e era preciso uma barata grande
para encher o olho de ricardina
que ouvia lentamente a voz delicodoce
dos parodiantes de lisboa.
a mãe chorava em papeis de linho
o pai chegava tarde com o diário de lisboa
alternadamente com o diário popular nessa época os ardinias
ainda viviam a fome da cidade
mais tarde quando os velhos ficaram mais velhos
apareceu o apolo 70
talvez o maior centro comercial que os lisboetas
conheceram
ricardina passava a ferro na zona de queluz
fazendo-se acompanhar da filha isabel
maria de sua virtude.
o tempo das mulheres serem marias
era muito importante para o pensamento na ordem
porque a incerteza não existia no mundo
ou porque isabel ainda era pequena
e só conhecia lápis de cor
nesta lógica
tudo se passava sem derrames
e o sérgio que não se sabia que era esquizofrénico
batia desoladamente nas portas da casa
para que alguém o ouvisse
na escuridão dos dias

macaco esquisito

conhecíamos todos aquela rapariga
ou gaja como queiram
que tinha uns peitos bem altos.
quando ela passava os nossos olhos
desciam para o tronco
e tinham dificuldade
em deslocar-se para o emaranhado de cabelos
de fim de testa
e de início de uns enormes óculos
naquele tempo as raparigas
eram uma enorme interrogação
tinham desejos e coisas estranhas
nós éramos simples
e só tínhamos de comer bifes
e andar atrás da bola
foi assim que eu conheci luísa na mexicana
um café igual a qualquer outro que frequentava
para ver as meninas da praça de londres
no entretanto e quando ainda vertiam os treze anos ocorre
um acontecimento a que se chamou revolução.
percebi rapidamente
que teria de ir para outras paragens
para ver mulheres bonitas
as gajas andavam todas
num cinema que estreou por aquelas épocas
quarteto de seu nome.
era ver a juventude revolucionária
a emoldurar pasolini com pink floyd
e de repente os cabelos tornavam-se mais compridos
e homem que não tivesse barba não era homem não era nada
passavam-se coisas extraordinárias
mas na prática os rapazes continuavam a procurar as mulheres de peitos
altos ou as gajas se se preferir
o joãozinho
era o nosso homem de serviço
coitado
morreu de sida em 1993
mas
foi bem aviado

macaco esquisito

os rapazes mesmo no tempo da dita revolução
continuavam a achar as raparigas
esquisitas
como o estrume da terra
faziam-se de progressistas
ser de esquerda era a melhor forma
de se ter cama com alguém
as direitas
andavam escondidas
como os bichos em territórios vazios
ser de esquerda era fácil
barbas
bigode
gangas
discos de vinil
haveria outros?
comandante che guevara,
ML,
lenine
estaline
e sobretudo
a china de mao.

macaco esquisito

mais do que uma revolução
foi O ACONTECIMENTO
abriu a mãe de todos os bares
frágil de seu nome
o bairro alto não eram só fados e prostitutas
eram homens e mulheres
vestidos de negro
podres de tanta cerimónia que usavam com as palavras
que liam foucault e deleuze
em francês no original
as faculdades
deliciavam-se
com estes jovens de jl na mão
na altura continuava a ser-se de esquerda era cama garantida
éramos todos porreiraços
era dito pá de duas em duas palavras
e comiam-se cigarros
com a mesma frescura com que se limpavam dezenas de imperiais
tudo isto saboreado com muitos petiscos
e música alternativa
mas andávamos todos
os rapazes pelo menos
de olhos postos
nas raparigas de peitos altos
e também algum cu
porque quem não tem cu não é gente
e o homem português é macho de sua excelência

macaco esquisito

no final das saídas nocturnas
havia um álcool descompassado
com as casas acumuladas nos passeios frios
nós vestíamos de negro
era a moda da diferença
às vezes perguntavam-nos para onde íamos
não sabíamos
a lentidão dos invernos
era a mesma com que íamos esvaziando os copos
e o nada era afinal o destino
para que conste
éramos irónicos
mas tão estúpidos
que não passávamos de pós-modernistas a prazo

macaco esquisito

a minha primeira relação a sério
durou um mês
espaço transitório
entre a respiração dos lábios
e a ânsia de sentir um novo hálito na cara
não me lembro de nomes
os nomes são como o vento
de isabel a margarida
o tardio dos rostos
nos domingos mal passados
ao meio-dia
quando acordava
ficava ansioso
naquele corpo ao lado
que mal reconhecia
o que vale
são as persianas
são como muros de anonimato

macaco esquisito

laura: a intranquilidade
sabem?
era do teatro
saltibancava num equilíbrio
dos tons diurnos
nos bastidores era o caos
ela era a estrela
de todas as certezas daquele sítio
nós demorávamos tempos descompassados
enquanto ela vestia os seus trajes de arlequim
nós vimos aquela peça 65 vezes
à espera de um gesto de laura
que nunca chegou
olhávamos para o tecto
e ainda assim
naquela aranha estranha
víamos o hálito de laura
era a obsessão do azul

macaco esquisito

depois do teatro veio o cinema
no corpo de uma figurante
de um dos múltiplos filmes
de joão César Monteiro
ou outro não me lembro
nós gostávamos dos palcos
saíramos do 25 de abril
de palco em palco
éramos o centro do mundo
iríamos revolucionar
a poesia o teatro
o proletariado o horizonte
não tínhamos insónias
porque dormíamos pouco
as angústias
viviam-se com a passa e o álcool
as memórias eram eufóricas
como os murmúrios
não tínhamos respeito pela ordem
fazíamos age's fazíamos manifestações
com a nudez da nossa simplicidade
só respeitávamos a figurante
do filme de joão César Monteiro
ou outro qualquer não me lembro

macaco esquisito

e vieram os heróis do mar
por dentro adorávamos em absoluto
para fora eram reaccionários
que desperdício de senso comum
também havia os xutos
também havia o canto livre
portugal era uma ilha festiva
até sartre e beauvoir a visitaram
fragmentos de uma heroicidade
que perderíamos em breve
tanta nostalgia tanta imaginação
e nós só queríamos cantar a revolução

macaco esquisito

já vos disse que líamos
más traduções de lenine
e que tudo nos parecia um poema de lorca
talvez a indefinição de não sabermos rumos
e ainda bem que não os sabíamos
agora também não sabemos de rumos
e o lenine morreu como um cadáver esquisito

macaco esquisito

éramos cinco no apartamento do príncipe real
fazíamos longos passeios ao domingo de sono
íamos ao trumps
íamos ao plateau
e a vida era empurrada entre intervalos.
um dia tu disseste-me as palavras certas:
só vivo o momento, não sei de amanhã.
e eu que tanto queria imaginar o amanhã
fiquei perplexo
o momento e o acaso são inúteis
apetece-me empurrar os momentos todos
e dar-lhes um significado
não gosto de momentos
são episódicos
empanturram-nos de satisfação
até que de súbito queremos acordar amanhã
mas o momento não deixa
para passar o momento
comecei a tomar lexotan

macaco esquisito

na rua do jasmim
as árvores adquiriam cheiros estranhos
quando os amigos passavam na rua
diziam, cheira a lisboa.
ia-se ao cais do sodré também para sentir o rio
era um cheiro ente o peixe e a brisa
quando íamos a alfama
olhávamos curiosos para o povo amontoado
casa amontoadas sardinhas amontoadas
era lisboa toda ela amontoadada
por vezes íamos às discotecas de cascais
mas não era o mesmo cheiro
lisboa embriagava-nos como o outono
não sabíamos esperar
marginal adentro com um fiat 127 verde
lisboa não era arrumada
era o desalinho das cidades sujas
e nós amávamos a sujidade dos sabores
lisboa era o local.

macaco esquisito

nós não pensávamos nos direitos dos animais
nós não pensávamos nos direitos das árvores
nós não pensávamos nos interstícios das memórias
nós não pensávamos na melancolia dos sedentários
nós não pensávamos nas ovelhas nem na erva
nós não pensávamos no direito à pele
nós éramos predadores da natureza
nós atravessávamos o verde dos espaços
com a mesma impetuosidade que nascíamos nos poços
nós queríamos o mar para o devorar
na luz tardia não sabíamos o que era ecologia
nós só queríamos saber
da arqueologia das imagens
éramos arqueólogos do vazio
tínhamos um dom
cuspíamos para o negro

macaco esquisito

no verão gostávamos de expor a cara ao sol
com a força de quem se agarra a uma escada escorregadia
no verão comíamos caracóis
e não pensávamos no direito deles
nem na linha imaginária
do que eles poderiam representar
um cão era um cão
não era mais do que um cão que não era gato
no verão estendíamos as toalhas no meco
e esvoaçávamos na cerveja
no verão faziam-se os filhos
e também os abortos que eram todos clandestinos
no verão trabalhávamos as algas
de um destino que seria feliz
no verão afinal não era inverno

macaco esquisito

quando morria alguém
já se abafavam os gritos na solidão
a morte já era interdita tal como o medo de a desejar
tu morreste muito nova
mas ao menos escolheste com os dedos a tua sorte
escolheste o dia e hora
não deixaste cartas com lamentos
de portas que não se abriram
quando tu morreste
ainda não se morria tão novo
foste uma bicicleta num mundo de ciclones
ainda hoje guardo memória dos teus olhos lentos
a lama em que todos caímos
tu não a sofreste nem a viveste
nós somos pardacentos
economistas de baldio
advogados de equívocos
engenheiros do silêncio
mas tu
morreste incauta
no equinócio certo
vénus num mundo de pergaminhos

macaco esquisito

citávamos muito
citávamos tanto que de tanto citar
não sabíamos a origem do ócio das palavras
citávamos a propósito e a despropósito
citávamos desde o pôr do sol até ao meio da noite
andávamos em êxtase na crítica das emoções
citávamos e éramos muitos
os que eram antifascistas
de janeiro a fevereiro e de março em diante
éramos de esquerda militante
para ter emprego fixo na freguesia ou na autarquia
murmurávamos palavras feias
mas todas enquadradas na moral
éramos a geração de berço das máscaras

macaco esquisito

agora que me sinto velho
esquivo-me a olhar para as raparigas
com o sorriso traidor de quem sustenta a eternidade
agora que me sinto velho
só sei ser funcionário público
e em todos os bancos me dizem sorrindo
ainda bem que é funcionário público.
público de quê?
o que é ser público?
será ter público?
uma prostituta é pública?
a nostalgia é pública?
o funcionário público
está ao serviço do mundo público?
então quando ardem as extremidades
e alguém morre nas ruas
é o funcionário público que o vai salvar?
funcionário?
porque não sem público?
agora que me sinto velho
sou funcionário sem público

macaco esquisito

chegaram as análises
não sabia que doía tanto interrompermo-nos
chegaram as análises
e dizem que estou doente
o que é ser doente?
num mundo sadio
onde não há rostos exaustos
num mundo saudável onde a primeira luz
é o cheiro suave da bica com o croissant
chegaram as análises
o médico a que eu chamo o mágico
fala-me de obscenidades
como quimioterapia radioterapia
e outras terapias
porque o corpo está doente e a morte espreita
chegaram as análises
e os pássaros continuam presos nas gaiolas

macaco esquisito

agora que estou cansado
de manhã tenho mais forças para descer ao brilho da luz
agora que estou velho
transforma-se o curso da previsibilidade
na monótona regra da confusão dos ruídos
agora que estou velho e cansado
finalmente divorciei-me
da vida das mulheres dos barcos das praias
agora que estou cansado
custa-me mais subir o bairro que é alto
até porque os jovens de corpo
esvaziam os copos
naquelas velas mal acabadas onde se empurram uns aos outros
agora que estou velho e doente
sinto mais as coisas
e são tantas tantas tantas
que os enigmas são o sal da existência
e a chuva é a primavera dos dias

macaco esquisito

lá vou eu realidade frágil ao café
ainda não me tiraram o café dos tabus em que vivo
não posso fumar porque tenho cancro
e não seria de fumar agora que tenho cancro?
não seria melhor fazer o tudo num mundo de nadas?
cruzámo-nos no café
ele também já velho lendo o público
eu funcionário público lendo o privado
ele tem uma expressão tão solitária
que apetece perguntar-lhe
em que tabacaria compra o público
eu numa troca de olhares
reconheço que a minha vida
está dependente daquele café quase vazio
e daquele homem quase velho a ler o seu jornal
e há amor e candura
nos gestos que eu traço à superfície do meu café matinal

macaco esquisito

às vezes passeio-me junto ao rio
com a mística barata
de que posso ser um átomo no universo
em outros universos onde existam outros eus como eu
mas será possível que existam outros eus como eu?
eu sei tenho a doença
em breve vou saber o que se passa
dizem que nos revemos como num filme
deve ser uma preocupação de guerra
mas eu existo para além de mim?
mas com o deus das barbas brancas?
mas eu existo na não existência?
os outros eus têm consciência de que são bichos?
os bichos têm que ser terráqueos?
o sangue os braços o absurdo as roupas o frio
também existem noutros eus?
não sei nada
que interessa as poucas leituras que fiz
se nem posso saber que outros eus existem no universo

macaco esquisito

há muitos anos vi o e.t.
curioso como era achei coisa de crianças
que brincadeira tão poliglota
um estranho ser visitar a nossa terra
para depois partir para o planeta de origem
não seremos todos e.t.'s?
e não viajamos de partida e de chegada?
eu gostava de ser e.t. para viajar de borla
eu gostava de ser e.t. para ser recolhido
não excluído
ou rejeitado
ou mal-amado
ou desgraçado
eu gostava de ser e.t. para ir ao café
e todos naufragarem em mim o medo
eu gostava de ser e.t.
para saber porque estou afinal aqui

macaco esquisito

ouvi falar da guerra dos mundos
e há muitas guerras e muitos marcianos
que nos lembram os mundos
de noite a temperatura baixa
a guerra dos mundos é como a temperatura
vai crescendo ou baixando com o sol e a noite
entre o dia e a noite
a diferença é o gelo e o frio
mas existem lugares onde não há frio nem noite
e as gentes refugiam-se nesses sítios
para comprar somos embalados em corações
se não existissem esses sítios
as gentes ficavam limitadas ao degelo da noite
vivam os centros comerciais do nosso século
onde todos os eus podem trocar as lágrimas por electrodomésticos
vivam vivam vivam
vi vão vão vão
porque não

macaco esquisito

a dinâmica do social
todos somos sociais
animais de preferência
eu também já fui social
ainda tenho uma função social
carimbar papéis na confusão das horas
continuo a ser social porque vou à mercearia todos os dias
ser social
sociabilidade
ser social é afinal não ser original
e os originais coitados
são todos fóbicos sociais
não existem na confusão
permanecem anónimos na multidão
não passam os natais nas famílias
deles não se lembra ninguém
a não ser aquele decisivo amor
que lhes passou um dia no quotidiano
ser social é afinal um passaporte para a vida em geral

macaco esquisito

gosto de assobiar quando alguém passa
porque sou um homem desocupado
para me entreter tenho o olhar
que eu saiba ainda não paga iva
gosto de assobiar demoradamente
a minha mãe nem sempre gostava
mas assobiar lembra-me a música
e eu só sei tocar em campainhas
gostaria de assobiar para ti
mas vou partir em breve
posso deixar-te um bilhete com um assobio
mas não sei se perceberás
a diferença entre assobio e ruído
assobiar afinal é a única coisa que gosto de fazer
e talvez reconhecer-te depois quando partir.
partir é a nossa condição
de humanos silenciosos e esquisitos
sou um macaco esquisito
e que outro tipo de viajante poderia haver
colado aos vidros de um qualquer carro
que não um macaco esquisito?
adeus pássaro de mim
adeus que os minutos dão trabalho aos relógios.
a Deus.

Posfácio

Luís Silva nasceu em Lisboa em 1960 e morreu vítima de doença prolongada a 15 de dezembro de 2007.

Estando um dia o seu parco património a ser revisitado por um sobrinho, foi encontrado um moleskine com a estranha letra que lhe era peculiar.

Em homenagem ao património na altura recebido pela família, um T1 na Damaia, um Fiat 127 de 1978 e ainda um computador 486 que a mãe lhe dera no Natal de 1992, João resolveu fazer umas fotocópias dos escritos do tio para mostrar à professora de Cultura Contemporânea da faculdade que frequentava. Rapidamente das fotocópias se passou a este breve livro que resume a vida de um simples funcionário público cuja maior ambição era que não o aborrecessem.